

# ***Ser de casa e Ser visita: notas sobre os modos de ser, movimentar e receber da/ na Comunidade Quilombola Malhadinha***

DANIELLA SANTOS ALVES 

Universidade Federal de Lavras | Lavras, MG, Brasil  
danielasantos.alves@hotmail.com

**DOI** <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v34i1p%25p>

**resumo** O objetivo deste artigo é o de mostrar a dinâmica da receptividade, a partir das composições e decomposições que as categorias *ser de casa* e *ser visita* apresentam na Comunidade Quilombola Malhadinha, situada no Tocantins. A partir da mobilidade destas categorias, derivadas da arte do *receber bem*, mostro a complexidade das relações sociais quilombolas em cenas de afeto, vigilância, evitação e/ou o controle, entre os moradores do quilombo e tão importantes para a socialidade do grupo. Assim, o trabalho busca contribuir para a literatura etnográfica a respeito da hospitalidade, mas a partir do cotidiano malhadense. Em termos metodológicos, a pesquisa é fruto da etnografia feita, ainda no doutorado, durante os anos de 2019 a 2023, para isso, faço uso do material colhido nas pesquisas de campo.

**palavras-chave** hospitalidade, quilombo, etnografia

***Being at home and Being a visitor: notes on ways of being, moving and receiving from/in the Malhadinha Quilombola Community***

**abstract** The objective of this article is to show the dynamics of receptivity, based on the compositions and decompositions that the categories of *being at home* and *being a visitor* present in the Malhadinha Quilombola Community, located in Tocantins. Based on the mobility of these categories, derived from the art of welcoming, I show the complexity of quilombola social relations in scenes of affection, surveillance, avoidance and/or control, among quilombo residents and so important for the group's sociality. Thus, the work seeks to contribute to the ethnographic literature on hospitality, based on Malhadense daily life. In methodological terms, the research is the result of ethnography carried out, still in my doctorate, during the years 2019 to 2023, for this, I make use of the material collected in field research.

**keywords** hospitality, quilombo, ethnography

## **Introdução**

Mobilidade e recepção são categorias que caminham juntas na comunidade quilombola Malhadinha, situada entre a cidade de Brejinho de Nazaré e Porto Nacional, no estado do Tocantins. Por mobilidade, entende-se os diferentes modos e motivos de chegar e sair das casas e, por recepção, o ato ou o efeito de receber alguém que proceda dessa mobilidade<sup>1</sup>. Assim, ao movimentarem, os moradores da Malhadinha vão construindo

---

<sup>1</sup> A comunidade quilombola Malhadinha é conhecida na região por sua hospitalidade, tanto com *os de dentro*, quanto *os de fora*. A receptividade acontece por ao menos dois motivos centrais, um histórico e um político. O primeiro é algo intrínseco à sociabilidade malhadense, e envolve a receptividade como um traço ancestral do mundo quilombola. Isto é, as famílias sempre aprenderam que é importante “dar o último”, vizinhar um alimento e ajudar e isso veio desde a finada Vó Antônia, um exemplo de hospitalidade e bondade. Logo, vigiam, comentam e julgam as casas e as famílias que herdaram tal costume bem como as que não o fizeram, cuja reputação é de *suvinos*, egoístas e *gente ruim*. Além dessa preocupação interna, ser receptivo tem um



e225342

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v34i1p%25p>

categorias para separar as pessoas próximas, distantes, amigas, inimigas, parentes, vizinhos, construindo toda uma sociabilidade no modo de ser quilombola. Dentro dessa teia, duas mobilidades merecem atenção, a definida como *ser de casa* e a outra como *ser visita*<sup>2</sup>.

Se eu pudesse definir a “essência” de cada uma dessas mobilidades, poderia dizer que *ser visita* trata-se, antes de tudo, de fazer o dono ou a dona da casa dedicar um tempo, parar um trabalho e/ou um afazer para receber aquele que chega. É *ser de casa* como uma relação em que não é necessário parar um afazer perante aquele que chega, tratando-se de um encontro mais informal, por assim dizer, e o trânsito e a expectativa do encontro sendo mais “livres”. Entretanto, há uma situação em que o movimento dos *de casa* obedece a um propósito distinto ao da definição acima, quando estes estiverem em uma situação de visita. Explico: às vezes, um parente vai até a casa de outro com o qual tem intimidade, mas essa ida não é desinteressada, ela é feita de modo a dedicar um tempo àquela relação.

Quando existe essa mobilidade entre *os de casa* com o fim de dedicação, trata-se de uma *visita* entre *os de casa*. Uma situação de oportuna demonstração de afeto, construção de amizade, mas também de respeito e seriedade diante dos idosos, ou até mesmo diante de alguém que veio de longe. A visita permite a construção de um momento entre quem chega e quem recebe, no qual ambos se dedicam a essa relação: enquanto quem é *de casa*, geralmente, tem seus movimentos apenas passageiros em uma residência, a visita, por definição, é demorada.

Quando se pensa em mobilidade<sup>3</sup> e encontro, a visita é o conceito mais acionado, pois, aos olhos de qualquer observador, entende-se enquanto uma relação entre quem chega e quem recebe. Talvez, seja por isso que a literatura, ao falar do conceito de hospitalidade, recorre à visita como sendo a expressão máxima dessa relação. A visita, tal como a hospitalidade, segundo Pitt-Rivers (2012), traz em si uma contradição. Isso porque ela coloca em relação o encontro entre um anfitrião e um hóspede, existindo de um lado uma aproximação do dono da casa com o chegante, como forma de afeto, de cuidado, de amor e atenção. Mas, por outro lado, essa aproximação não deixa de ser um modo de reduzir qualquer possível ameaça trazida por aquele estrangeiro que chega, mostrando como a aproximação evita a potencial hostilidade Pitt-Rivers (2012). Assim, a visita é a ponta da lança do paradoxo hospitalidade/hostilidade.

Mas não só. Se entendemos que a hospitalidade envolve o encontro entre um que recebe e um que se movimenta, a mobilidade *ser de casa* também entraria nesse paradoxo. Mas aí o leitor poderia pensar: como alguém que é *de casa* representaria uma ameaça? Não

---

questo político. Isso porque, ao receberem bem os políticos, conseguem, com mais agilidade, políticas públicas para o quilombo. Entretanto, para o presente texto, o conceito de receptividade, será visto nessas duas categorias, *ser de casa* e *ser visita*.

<sup>2</sup> O itálico será utilizado para palavras e expressões nativas: *fazer a ronda*, *lambida*. O colchete será usado para explicar alguma ideia e/ou palavra do discurso nativo.

<sup>3</sup> Dainese (2016) indica que a hospitalidade promove o movimento, isto é, o fluxo de pessoas nas residências, permitindo a construção, modelação e prática dos códigos da hospitalidade dos moradores entre si, com algum estrangeiro de casa, estrangeiro sozinho ou acompanhado.

seriam só estrangeiros e/ou visitas os ameaçadores? Os *de casa* não seriam todos abrangidos pela intimidade? Na Malhadinha, não. É possível que existam moradores que se movimentem como os *de casa*, indo e vindo, mas que, ainda assim, representam um perigo. Entretanto, esse perigo, na Malhadinha, não é repellido com uma ação direta de mandar o sujeito embora, e isso não acontece justamente porque grande parte dos moradores da Malhadinha são receptivos, se veem como receptivos e criam uma socialização do grupo para reiterar esse movimento. Assim, mandar alguém embora de uma casa, mesmo sem intimidade ou até mesmo quando este representa perigo, parece ser ação inadmissível no quilombo e se isto acontecer o sujeito será visto como *ruim* ou de *natureza ruim*.

Desse modo, *ser de casa* e *ser visita* são mobilidades que envolvem a recepção, sendo que ambas carregam em si o paradoxo da hostilidade/hospitalidade que Pitt-Rivers (2012) indicou. As suas diferenças e complementaridades trazem consigo essa ambivalência entre o afeto e controle: com alguns *de casa*, *de dentro*<sup>4</sup> e parentes, nota-se afeto e cuidado, mas existem parentes que precisam ser mais controlados e vigiados. De todo modo, há uma oscilação entre o afeto e o controle em ambas as mobilidades.

Dito isso, o objetivo deste artigo é o de mostrar a dinâmica da receptividade<sup>5</sup>, a partir do afeto e do controle em articulação com as composições e decomposições que as categorias *ser de casa* e *ser visita* apresentam na Malhadinha. A partir dessas nuances do receber bem, mostro a complexidade dessas relações sociais em cenas de afeto, a evitação e/ou o controle, tão importantes para o cotidiano e a socialidade quilombola. Ademais, vale ressaltar que a pesquisa é fruto da etnografia feita, ainda no doutorado, na comunidade quilombola Malhadinha, durante os anos de 2019 a 2023. Para isso, faço uso do material colhido nas pesquisas de campo

### **Modo de ser: os de casa**

O movimento de recepção dos *de casa* é sempre construído na contraposição ao conceito e ao movimento de visita. Por isso, vou apresentá-los de maneira separada, mas não independentes. *Ser de casa* é tanto uma forma de movimentar quanto uma condição de ser visto e de ser recebido. Quem é *de casa*, geralmente, tem o seu movimento passageiro, passa-se para *dar um recado*, *fazendo bestagem*, *fazer a ronda*, *fofocando e fuxicando*,

---

<sup>4</sup> Na Malhadinha, é muito comum os moradores fazerem referência a quem é *de dentro* e a quem é *de fora*. De dentro seriam aqueles que são parentes, descendentes das famílias que sempre estiveram ali e são nascidos e criados naquele lugar. De dentro também são pessoas que não nasceram na Malhadinha, mas se casaram com alguém de dentro, mesmo sendo de fora. Ser de dentro relaciona-se muito mais com uma genealogia do que com uma vinculação com o espaço, embora o espaço seja também importante. Digo isso, pois as pessoas genuinamente de fora são aquelas que não nasceram e não residem ali. São os agentes do governo, políticos, conhecidos, desconhecidos e amigos. Para o presente artigo, as relações serão centradas apenas para os de dentro.

<sup>5</sup> A receptividade, substantivo feminino derivado do verbo receber, engloba o que os malhadenses fazem no cotidiano entre seus pares e com os estrangeiros que chegam ali. Construído a partir de múltiplas práticas, é utilizado como um termo plural e é, geralmente, proferido em entrevistas menos espontâneas, portanto, mais formais. A escolha por seu uso deriva dessa função infinitiva, que permite sintetizar sem reduzir, mas, no limite, seria o mesmo que hospitalidade.

justamente por serem pessoas que moram no quilombo e compartilham a vida cotidiana umas com as outras. Seu movimento é chegar, entrar nas casas, pegar água, petiscar algo que estiver em cima da mesa: afinal, todos te conhecem, são pessoas com quem se tem intimidade.

*Ser de casa* é algo que pode ser feito via parentesco ou não, pode se dar entre parentes próximos, mas também entre os amigos ou os que se tornaram amigos, aqueles “mais próximos do que muitos parentes”. O que prevalece no *ser de casa* é a intimidade entre aquele que chega e aquele que recebe, e trata-se, desse modo, mais de uma relação construída do que um dado pelo parentesco. Tal como apontou Carneiro (2010)<sup>6</sup>, é possível “se tornar chegado” via narrativa, trocas, amizades, brincadeiras, ajudas e assuntos.

As pessoas *de casa* são aquelas que recebem um tratamento similar ao que qualquer outro membro da família teria, segundo Kelvin<sup>7</sup>: “a gente quer que a pessoa tenha a mesma liberdade que a gente tem, que fosse igual, por isso, deixa ela à vontade para ver TV e ir às panelas”. Ieda, sua irmã, ao me dar exemplos de pessoas *de casa*, fala que são aqueles que não têm cerimônia, eles podem chegar e, caso ela estiver de saída, deixa a pessoa à vontade na sua casa e vai para a rua. Com sua irmã que mora em Porto Nacional, é assim: Catarina é *de casa* e tem intimidade para ficar sozinha: “Minha irmã ela não mora aqui, ela mora lá em Porto, né, mas só que quando ela chega aqui, eu não a considero como visita, eu largo bem aí e vou lá pra rua fazer outras coisas, mas deixo ela à vontade”. Outras vezes, na presença de alguém entendido como *de casa*, ela continua fazendo o seu serviço ou, então, coloca a pessoa para fazê-lo, como com sua prima e vizinha Agnes: “às vezes, eu preciso sair, coloco Agnes para lavar a roupa dos meninos e vou me embora para Porto resolver outras coisas, ela é *de casa* e, se precisar, faço por ela também”.

Os exemplos de Ieda parecem indicar que o *ser de casa* é feito pela via do parentesco, como o caso de sua irmã e de sua prima Agnes. Entretanto, nem todos os parentes são *de casa*; Analu, sua também prima, é exemplo disso. Ela é prima de Ieda, tal como Agnes. No entanto, as primeiras têm mais intimidade, ao passo que Analu, segundo Ieda: “tem o mesmo grau de parentesco, mas temos menos intimidade, o que temos é proximidade”. A intimidade se define por uma relação em que ambos os sujeitos têm um trânsito livre para tratar de qualquer assunto independente da sua natureza, entrar na cozinha e ir pegando o de comer, e com Analu até tinham proximidade de encontrar, de ter assuntos próximos, conversar e trabalharem juntas, mas não eram tão chegadas no dia a dia para entrar na cozinha dela e mexer nas panelas, chegar na sua casa a hora que quisessem como Ieda e Agnes fazem entre elas. A proximidade parece ser um espaço que o indivíduo ocupa entre ser ao mesmo tempo íntimo, mas também um pouco distante. Você tem afeição por aquela pessoa, mas não intimidade suficiente para entrar completamente

---

<sup>6</sup> Para uma pessoa de fora se tornar *de casa*, primeiro, ela chegou como visita e foi construindo essa proximidade por intermédio das narrativas, troca de palavras e comidas, como no meu caso, mas também no de Carneiro (2010). Mesmo não sendo parente, foi possível, no caso dela ser uma “chegada”, assim como no meu caso, construir uma relação de intimidade, de ser uma *de casa*, em algumas casas e setores da Malhadinha.

<sup>7</sup> Para preservar a imagem dos meus interlocutores, farei uso de nomes fictícios.

na esfera da vida privada. Logo, é possível ter parentes que tenham o mesmo grau de parentesco, mas com distintos graus de proximidade.

Mag reitera essa mesma situação narrada por Ieda a partir da relação com a sua irmã, Enade. Segundo Mag: "Por exemplo, eu não sou de ir na casa de Enade, eu só vou na casa dela quando tem necessidade pra ir, mas não sou de sentar e ficar batendo papo". Eu continuei questionando-a, mas você não é *de casa* lá, não é sua irmã?, "Não, isso depende dos parentes, né, porque eu mesma, assim, às vezes, eu tenho intimidade com pessoas que não é meu parente, mais do que quem é meu parente". Mag é uma de fora que se casara com alguém da Malhadinha, Osório, filho de Francisco e Firmina. Sua única parente ali é Enade, que se casara com o irmão de Osório, Agostinho. A moradora reiterada vezes diz que ali não tem parentes, só Enade; mas tem mais intimidade com os parentes do marido, aos quais ela se refere como parentesco por consideração, mais do que com Enade e com Rosinha, esta última sua irmã que mora em Brejinho de Nazaré, mas que quase não vê. Assim, ela equilibra a relação com as irmãs para um bom convívio, mas é mais próxima de parentes de consideração, como Joana, Ieda e Elvira.

Tal como é possível ter relações dosadas com alguns parentes, também é possível não ter quase nenhuma. Ieda deu-me esse exemplo com o seu primo, Osório, esposo de Mag, filho do seu tio Francisco, irmão de sua mãe. É primo igual a Analu e Joana, mas: "nós não temos proximidade com ele e quando é assim nós não temos é consideração, mesmo sendo parente". O não ter consideração não significa desrespeitar, mas que se trata de uma pessoa distante e que não faz parte da construção e funcionamento diários da sua família. Então, as aproximações acontecem em situações específicas, como o velório de sua mãe, quando o seu primo fora lhe visitar. Mas, ali, não era *de casa*, o movimento era restrito, a brincadeira controlada e a evitação de adentrar em assuntos mais delicados eram sobrepostas por assertivas padronizadas como o "sinto muito", "uma pena esse acontecimento", e "paz de Cristo". Diferentemente, por exemplo, da relação que Ieda tem entre os seus parentes, sobretudo com sua prima Joana, elas são o exemplo máximo da relação de movimentar e de *ser de casa* com intimidade.

### **Movimentar e receber**

A casa de Joana ilustra bem o movimento dos *de casa*. A casa é cheia dos chegantes que são parentes próximos, distantes e amigos. Sempre tem à disposição chá, café, boas risadas e uma feição acolhedora, sinalizando algo como "que bom você estar aqui". Nas tardes em que eu passava em sua casa, acompanhei esse movimento ou ouvia algumas histórias sobre essas chegadas e partidas. Ela me contava como ali é assim: "as filhas de Elvis sabem a hora que a comida sai, Régis, Ieda e Agnes sempre vêm, todo dia essa hora passa alguém para comer, vizinhar, fofocar e conversar". Joana não gosta de comer sozinha e sempre divide com os chegantes, porque sabe que, quando for até à casa deles, especialmente nos primos, a recepção será a mesma: "aqui é assim, quando faço bolo, não gosto de comer só, mas de dar para as crianças para não comer tudo sozinha, é importante vizinhar e dividir".

Esse cuidado para com os chegantes também é destinado aos moradores da casa que não estão presentes, como o seu marido. Assim, ao fazer pão de queijo, roscas ou bolo,

ela "tira" o do esposo, Grandão, separa outros que ela vai levar na vizinhança e aqueles destinados aos sobrinhos que cedo ou tarde passarão por lá. Espera-se do dono da casa, mesmo que os *de casa* estejam de passagem e cheguem perto da hora do lanche, que o anfitrião com ele divida aquilo que estiver fazendo; mas se não estiver com nenhum preparo, não tem problema, não existe uma expectativa por parte de quem chega, uma água ou um café são suficientes. Na casa de Joana, quando os primos Ieda, Régis e Agnes levam algo para comer, temos o exemplo de uma relação de intimidade e de *agrado*<sup>8</sup>.

Nesses movimentos passageiros feitos com os primos, caso Joana não tenha nada para oferecer, também não tem problema, pois, diferentemente da visita (que será tratada a seguir), que de certo modo espera que o anfitrião faça algum preparo – esta sendo avisada ou não –, para quem movimenta de maneira passageira como os *de casa*, o que importa não é tanto a refeição que será oferecida, mas a conversa, a brincadeira e o assunto que podem desenrolar nesses encontros. Nesse movimento, em Joana, desta com Agnes, Régis e Ieda, não há só intimidade, mas também cumplicidade: na frente um do outro, qualquer assunto é tratado, sabendo que não sairá dali como fuxico. Mas não são só esses parentes próximos e cúmplices que vão até a sua casa. Há outros *de casa*, não tão próximos, mas não menos queridos, que sempre passam ali para fazerem bestagem, durante o dia.

Uns pouco ficam e só passam para saber de alguma novidade, como Nino – “esse é inquietice mesmo”, diz Joana –, ou para ver se tem movimento na sua casa e ficar ali um tempo. Vão para fazer bestagem, como no caso Natan, que chega para contar como o movimento do bar do Berto e da Lulu está fraco, justamente porque não dão atenção e não recebem bem os seus clientes, julgando como essa atitude é pouco inteligente para um lugar onde todos prezam pela boa recepção.

Pretinho, tal como Nino e Natan, é *de casa*, mas só nos modos de movimentar, no trânsito e liberdade de ir e vir, não no sentido da intimidade que Ieda, Joana, Régis e Agnes constituíram. Ele vai com frequência à casa de Joana para bestar, sem aviso prévio e sem anunciar o movimento. Ele chega sempre no fim da tarde, vem pelos fundos e, antes de entrar, faz um aceno, lava o rosto e as mãos no tanque que existe do lado de fora e entra. Abre a geladeira, pega água, balança o bule de café e olha um pouquinho o movimento para, então, dizer, quando diz, o motivo da sua chegada. Não tarda muito é a vez de Nino, que já entra pela frente da casa, sem falar nada, atravessa a sala e vai para a cozinha, abre a geladeira, pega uma água, bebe e deixa o copo.

Sobre o nome dessas andanças rápidas, feitas por Nino, por exemplo, Joana diz que ele: “fica nesse sai e não sai, mas ele não é visita, é *de casa*”. Ela pensa um pouco mais para tentar explicar o fenômeno, e continua: “Nino pensa assim: estava passando, passei aqui e vou descer, é inquietice, mania”. Grande parte dessas figuras e desses movimentos

---

<sup>8</sup> O agradecer pode ser feito com coisas simples, como um sorriso, um abraço, uma risada e a atenção que se dá para um assunto proposto pelo outro. Mas também por algo material, como oferecer uma ajuda, emprestar uma moto, um carro, uma *manta de carne*. É dar a melhor comida que se tem em casa e, para isso, *assuntar* os outros sobre o gosto da pessoa ou perguntar diretamente a ela; caso não tenha em casa o alimento preferido, é ir ao vizinho e pegar emprestado. Envolve o lugar que se oferece para o outro descansar – cama, rede, cadeira, banco. É sentir que aquele espaço, no período em que estiver nele, seja semelhante à sua própria casa. É *ser de casa* mesmo estando fora de casa.

não é combinada, mas esperada no decorrer de um dia, ao ponto de, nos dias em que não chega ninguém, Joana comenta: "hoje o dia tá parado, lá pelas 17:00 a hora que o povo vai pro campo, começa a chegar gente". Para ela, a figura mais esperada do dia é a do seu primo Régis. Quando ele não aparece nem para bestar, nem para dar um recado, sapear<sup>9</sup> algum assunto, nem para visitar, suscita questionamento por todos.

Isso porque, mesmo não combinando, Régis tem um movimento esperado, feito de maneira sistemática, que reúne todos os outros movimentos de quem é *de casa*, a saber, o *fazer a ronda*. Nas casas em que ele tem bastante intimidade, na de sua prima Joana e Agnes, mas também na casa de sua irmã Ieda, ele diz: "Eu, quando faço a *ronda*, eu pra mim Agnes, Ieda e Joana não são visitas, são *de casa*, é como se eu estivesse em casa". A *ronda* permite que Régis fique sabendo de vários assuntos, justamente por frequentar várias casas e presenciar múltiplas situações ao longo de um dia. Quando questionado do porquê *faz a ronda*, o morador diz que começou ainda no início da sua atividade como pastor religioso, mas que também já frequenta muito a casa uns dos outros, sendo algo próprio do quilombo. Entretanto, como diferenciar o *fazer a ronda* de Régis com os outros movimentos dos *de casa* que também entram e saem de um lugar e outro?

Segundo sua irmã Ieda, os movimentos dos outros parentes, como o de Joana e de Agnes, por exemplo, obedecem a uma vontade momentânea da pessoa no tempo e espaço, ao passo que o *fazer a ronda* é algo diário. As pessoas sentem falta quando Régis não aparece; Ieda diz que, se Régis não aparece: "o povo já fica assim: uai, Régis hoje não veio; se Régis passasse um dia sem ir na casa de alguém". O *fazer a ronda* de Régis conta com ações de aconselhamento aos moradores, convites para irem frequentar o culto ou até mesmo de preocupação, caso alguém não tenha aparecido.

O ponto a ser destacado no movimento de Régis é que ele é único, justamente porque o morador é visto com unanimidade no grupo – alguém de natureza boa –, logo, a sua presença não é sentida como ameaça, mas como alguém que chega para somar. Diferentemente do movimento de outros parentes, e de um em particular, Érico

### **Não é amigo, mas também não é inimigo**

Diferentemente de Régis, que tem sua mobilidade esperada, nem todos *de casa* são assim, pois alguns representam o perigo, como o primo Érico. Érico, tal como Pretinho, Nino e Natan, se movimenta como *de casa*, mas não tem intimidade em grande parte dos lugares em que aparece. Érico chega de maneira sutil e sem aviso prévio, sem qualquer assunto definido ou brincadeira esperada, e lá fica *fazendo bestagem e assuntando*; mas, segundo Joana, diferentemente de Nino e Natan, o faz "com maldade". Incontáveis foram as vezes em que ele ia em Joana *assuntar* para saber o que as pessoas estavam fazendo. Em sua presença, Joana não se preocupava em alterar o ritmo do seu dia, como tampouco de manter uma conversa mais calorosa: é uma recepção indiferente à vista daquela feita com os seus primos *de casa*.

Mesmo Érico entrando e saindo quando quer, podendo mexer nas panelas e ficar

---

<sup>9</sup> Sapear seria o mesmo que participar de uma conversa que já está em andamento antes da chegada do indivíduo que, então, sapeia.

no seu sofá, ainda assim, é distinto. Joana comenta: "Érico aqui, entra e sai, eu não considero visita, é *de casa*, mas com ele não deixo a casa sozinha, já com Nino eu saio e peço ele para trancar". Algumas vezes, quando Joana estava de saída, era comum Nino ainda continuar ali, ela saía e pedia para ele trancar a casa e depois lhe entregar a chave, ao passo que, com Érico, isso não acontecia. Durante a pesquisa, frequentemente via Érico se esgueirando pelas casas; outras vezes, via ele na casa de Ieda no fim do dia antes de ir para o campo jogar bola, assistindo TV com o seu esposo ou até mesmo só. Era comum ouvir histórias de Érico roubando gado e vendendo no Leilão (espaço destinado à venda de gados). Mas, à revelia desses comentários e preocupações, eu via Érico sendo bem recebido em todas as casas que frequentava; e, se não o via, ficava sabendo por alguém dos mesmos eventos. Era comum ele almoçar na casa de Anastácia e de Cauan, jantar em Fernanda e até mesmo ficar de bestagem na varanda de Agnes, tomando refrigerante fiado e vendo o jogo de futebol das crianças e adolescentes no campo.

Aos olhos do observador mais desatento, Érico parece ter um trânsito livre, tem o movimento dos *de casa*, come, *besta* e vai embora para outra casa. Ele, até onde eu conseguia observar, parece utilizar da boa receptividade malhadense em seu interesse próprio, até que um dia essa hipótese foi confirmada em um churrasco na casa de Ieda. Era uma sexta-feira qualquer do mês de dezembro e Ieda comentara comigo que ia organizar um *Quilitro* para eu ver como são as festividades em um final de semana. Cada um leva um quilo de carne e um litro de refrigerante, sendo um modo de reunir e receber os parentes sem ficar demasiadamente caro para ninguém. Comprei o meu "kit" de churrasco e, momentos antes do evento, deixara ele em Ieda, junto com aqueles levados por sua irmã Catarina.

À noite, nos encontramos na varanda de Ieda, onde estava reunida toda a sua família extensa. Kelvin, irmão de Ieda, e seu esposo, Mazinho, conversavam no quintal, enquanto eu, Florisvaldo, Agnes, Joana, Grandão, Ieda e Régis, estávamos conversando próximos de Catarina, que estava na churrasqueira. De maneira descontraída, brincávamos uma com a outra, dizendo como a Catarina deveria ser minha amiga, pois "gostava de uma cervejinha". Florisvaldo, de outro lado, falava que o dia tinha sido bom, pois ficamos fazendo "fofoca da amizade" e contando sobre os "tempos de primeiro e os modos de criar" das famílias.

Sem anúncio prévio, Érico entra na casa, solta qualquer cumprimento e começo a observar sutilmente as feições serem modificadas, os assuntos e as brincadeiras sendo substituídos por conversas amenas, sobre o tempo, a roça e os afazeres do dia seguinte. Mesmo mudando o sentido da conversa, não há uma preocupação por parte dele de se integrar ao assunto, ao menos não oralmente, ele apenas *assunta* as nossas ações, do mesmo modo que as anfitriãs se restringem a vigiá-lo, a acompanhar o seu movimento, mantendo-se sempre por perto, como Joana me confessara em outro momento. O controle silencioso parecia provir de ambas as partes.

Pouco comentada naquele dia, essa cena passou a circular no quilombo posteriormente, por Érico, como um *fuxico*. O *fuxico*, segundo Ieda: "é você perguntar da vida do outro, para falar mal, é aquilo que sai do que comentamos aqui". Florisvaldo define fofoca e fuxico da seguinte maneira: "fofoca traz graça, fuxico traz desgraça, fofoca faz

amizade, fuxico faz briga, fofoca agrada e o fuxico desagrada, uma boa fofoca é bom, pois você faz amigos, vocês ficam ali *assuntando*, conversando e rindo das coisas; agora, o fuxico tem maldade".

Florisvaldo, em outro momento, disse que, na comunidade, sempre existiram fofoca e fuxico e que, muito embora evite o segundo, avaliando-o como algo nocivo à vida nas famílias, o primeiro é falado ao som de risos, pois é bom para fazer amizades, aproximar as pessoas e dar um movimento na vida pacata da roça. O que o morador indica é que as ações podem ser comentadas e circuladas tanto para algo entendido por ele como positivo, como para um propósito negativo. Essa mesma ação foi vista também por Comerford (2014), ao falar da vida nas comunidades rurais, onde "as pessoas não só estão atentas ao que fazem os outros, mas também às suas próprias ações, que certamente serão contadas por outros, senão pelos próprios agentes, nas próximas conversas" (Comerford, 2014:10).

Essas ações que serão contadas, às quais Comerford (2014) faz referência, foram vistas na situação de Érico no dia seguinte, ao fazer um fuxico na casa de Cauan, que contara para a sua filha Analu, prima de Joana e Ieda, que compartilhou com elas a sua indignação diante do fuxico do Érico, tal como segue abaixo:

Analu: Ele [Érico] tava lá na casa de pai, falando que o povo estava agradando a autora, fazendo até churrasco, aí eu falei bem assim: eu tava lá na hora que ela comprou a carne, metade foi dela e metade de Catarina.

Joana: Comeu de graça e ainda falou isso?

Analu: Uhum! E ainda chegou lá falando que chegou só no cheiro.

Joana: Mas, gente, ele chegou antes de começar sendo que ninguém convidou ele e saiu depois que comeu.

Analu: Sem vergonha.

Joana: Ele ficou lá esperando a comida, caladão, botou a comida no prato, sentou, comeu, tomou refrigerante, comeu e saiu caladinho. Comeu e ainda sai abestando [andar sem rumo e propósito].

Eu perguntei: mas por que vocês não mandam embora? Ela me respondeu: "você é *de fora*, não se acostumou com o ritmo daqui, somos criados assim, tá na natureza, ninguém manda embora ou trata mal, irmão de Elvira chega caindo lá em casa bêbado e eu ainda converso com ele (risos)". Ao que continuei: "Como vocês fazem então quando a presença não é agradável?" Ela me disse: "chegou fica aí... Ninguém manda embora, não é amigo, mas também não é inimigo". Érico, mesmo não sendo tão próximo, ainda assim se movimenta e é recebido como os *de casa*. Ninguém pode mandá-lo embora sob pena de serem julgados como pessoas ruins, algo de certa forma temido pelos malhadenses. Afinal, em uma comunidade que orienta a vida para a criação de pessoas boas e receptivas, essa é a pior qualificação: *ser suvino* ou ser uma *pessoa ruim*.

Considerando a tradição do quilombo de sempre receber bem e "dar o último", o máximo que fazem com Érico é a evitação, trazer um ar de indiferença na recepção, o que pode tanto ser entendido como não entendido por ele. Érico parece ter consciência e

domínio daquilo que faz, pois movimenta-se como um *de casa*, mas é "folgado e perigoso", conforme diz Ieda. Ele promove fuxicos em outras casas e desordens com aquilo que observa e/ou sapeia nos lugares por onde passa durante um dia. Alguns dizem "fica de olho aberto com Érico", mas não se pode fazer muita coisa e a saída é evitar situações em que ele se utilize daquela "chegada, daquele encontro, para fazer maldade", conclui Ieda.

Diferentemente de Érico, que apresenta o perigo, ainda há outros *de casa*, parentes, que incomodam, mas não é preciso vigiar tanto como Érico: sua presença é geralmente tida como desagradável, mas, por conta da cachaça, não de maldade. Falo, pois, dos bêbados enfarentos do bar. Estes são recebidos nas casas, os parentes dão almoço, janta, água, tudo que os deixam confortáveis para, então, voltarem para a pinga, como dizem. Mas também ninguém manda embora, Ieda me disse: "ninguém manda ninguém embora aqui. É assim, Érico faz o que faz por isso, povo tem medo de ser tido como gente ruim".

Ieda me apresenta uma consciência dos atos e ações dos parentes que se movimentam nas casas uns dos outros e os motivos que regem as chegadas e partidas destes, tanto os não tão quistos, quanto os próximos e com intimidade. Ao que tudo indica, os modos de ser, movimentar e receber os *de casa* acabam registrando situações afetuosas e perigosas, entre aqueles que podem ser próximos e outros que nem tanto. Notam-se cenas da importância do cuidado, da partilha e da preocupação em agradar o chegante. Entretanto, essa preocupação nem sempre é motivada por situações apenas de afeto, mas são frequentemente destinadas às ações de vigilância.

É possível identificar duas motivações a respeito dos modos de receber: a primeira, própria daqueles que foram criados juntos e são próximos, como Ieda, Joana e Régis; aí o receber bem é uma forma de carinho e afeto que se sobrepõe a qualquer interesse material que eventualmente faça parte também do encontro. Mas, por outro lado, há o receber bem como forma de honrar a rotina e a imagem do quilombo, mas que representa o perigo, seja o perigo do fuxico visto por Érico, ou o perigo de serem vistos como *suvinos* e ruins, possibilidade que o bêbado enfarento apresenta – pois, além de transitar livremente, ele não se preocupa em não tocar em pontos sensíveis para as famílias, como o caso do Bruninho e tantos outros, sendo possível estes também fazerem circular os fuxicos.

Muito embora exista diferença entre os motivos do receber visto nessas mobilidades entre os *de casa*, ainda existe um lugar-comum em todas elas: a liberdade vista nas formas de transitar, de chegar e de encostar, de mexer nas panelas, de *assuntar*, de agradar e de participar da vida malhadense. Entretanto, não existe, ao menos com regularidade, uma dedicação espacial e temporal à pessoa e ao encontro nesse modo de receber. Isto é, o dono da casa não necessariamente precisa largar o que estiver fazendo para receber um chegante *de casa*. Dele também não é esperado que prepare algo específico para esse encontro: se tiver algo para compartilhar, bem; se não, o dia segue. Ele pode continuar fazendo suas tarefas e até mesmo não dar muito assunto ao movimento errante de uns e outros, como Joana destaca diante da chegada de Nino, Natan ou Pretinho.

Ao fim, ela não precisa modificar o ritmo do seu dia, diferentemente da outra mobilidade vista no quilombo: a visita. Enquanto essas chegadas e partidas registram a liberdade no transitar por/entre – assuntos (focas e fuxicos), comidas (petiscar e

compartilhar algo) e espaços (quintal, sala e varanda) –, a visita parece registrar uma dedicação espacial e temporal diferente aos chegantes na Malhadinha.

### **Categorias em Mobilidade: *ser de casa e ser visita?***

Na Malhadinha, a visita é um conceito relacionado e direcionado tanto às pessoas que não são tão próximas, podendo ser *de dentro* ou *de fora* da comunidade, mas também àquelas que são próximas, parentes e *de casa*. A definição do conceito é complexa, pois engloba a intimidade entre quem chega e quem recebe, envolve relações de parentesco e de amizade, e a distância e a idade dos envolvidos também contam para a definição de alguém ser ou não uma visita. Interessada em entender a diferença dos movimentos de quem é *de casa* e quem é visita, perguntei à Ieda como ela entende o termo.

Segundo a moradora, a visita é aquela pessoa: "que não tem tanta intimidade, aí precisa sentar e largar o de fazer, tem uns parentes que é visita, as pessoas de fora, ou que mora mais longe ou de idade". Assim, para ela, as pessoas que são visitas são aquelas que não têm tanta intimidade, inseridas em um encontro mais formal, sendo preciso parar o que se estiver fazendo para receber o chegante. Nessa mesma definição, Ieda também indica que, para *ser visita*, não tem necessariamente que morar longe, podendo ser pessoas que moram no quilombo, vizinhos e parentes mais idosos. A sua tia Ava ilustra bem esse exemplo: ela é vizinha, parente, idosa, e as duas não têm tanta intimidade. Segundo Ieda: "Tia Ava ela é de idade, não somos tão próximas, mas tem que ter um pouco mais de respeito, eu a considero visita quando vem na minha casa".

Na contraposição do argumento de Ieda, para o qual a visita é sempre alguém distante, seja geograficamente falando ou até mesmo no quesito ter intimidade, sua prima Agnes acrescenta mais uma faceta ao termo visita. Segundo a moradora, a visita também pode ser com pessoas *de casa* e próximas, e a esta relação ela dá o nome de visita do peito, sendo que, para esta acontecer, é preciso combinar. Quando se combina uma relação de visita do peito, entre os próximos e com quem se tem intimidade, significa que o anfitrião vai dedicar um tempo a uma pessoa que tem o hábito de apenas chegar, vai preparar uma refeição fora do habitual ou, mesmo se for dentro do habitual, o que tem destaque é o empenho no encontro.

Carneiro (2010: 62) observou algo semelhante na comunidade mineira dos Buracos: "Uma pessoa chegada pode, eventualmente, receber um tratamento mais cerimonioso, de um modo que se assemelhe à visita, mas que talvez seja apenas o traço casual de uma oportuna demonstração de afeto". Entretanto, diferentemente do Buracos, para o qual a oportuna demonstração de afeto não recebe o nome de visita, na Malhadinha, esse encontro mais cerimonioso com uma pessoa *de casa* é entendido também como visita, como a relação entre primo e sobrinho.

Calu e Florisvaldo movimentam como os *de casa*; entretanto, na mesma frequência que vão à casa um do outro para fazerem bestagem ou dar um recado, também fazem entre si visitas. A diferença reside no grau da incursão e na relação entre ambos, isto é, enquanto dar um recado e fazer bestagem constituem situações passageiras, despreziosas e própria dos *de casa*, a visita entre eles é algo esperado e combinado; mesmo com intimidade, a ideia de fazer uma visita reside num especial cultivo da amizade.

Eles conjugam as duas mobilidades, ora são *de casa*, outrora são visitas. Há dias em que o deslocamento é rápido e o encontro paira em alguma conversa pontual, por exemplo, saber de algum produto da roça e perguntar das fofocas da comunidade; mas, nos momentos da visita, um dedica toda atenção ao outro. Sobre a relação de ambos e do encontro feito entre eles, Ieda me diz: "Hoje não é rápido não, ele [Florisvaldo] chega lá [em Calu], ele senta, ele vai conversar, ele dá atenção".

Ieda ainda indica que a relação é bilateral, tem dias que Florisvaldo visita o sobrinho e tem dias que o sobrinho visita o tio, sendo que a frequência dos encontros é diária. É comum Florisvaldo chegar da roça, momento no qual toma banho, troca a roupa e vai em direção à casa do sobrinho. Sempre que combinam de visitar um ou ao outro, oferecem algo para comer. Se for uma passadinha rápida, só um café lhes aguarda, a exemplo de quando Calu vai cedo em Florisvaldo falar bom dia e tomar um café. Mas se for demorado, é comum a presença de algum alimento. Eles ficam horas conversando e o assunto não esfriava. As visitas entre Calu e Florisvaldo são marcadas por cenas de afeto, amizade e consideração, sendo que esse exemplo ilustra uma situação previamente combinada. As visitas entre Calu e Florisvaldo registravam um encontro entre aqueles *de casa* com quem se tem intimidade.

Mas se voltarmos à definição inicial de Ieda, a visita ainda é vista em mais três situações: diante de pessoas de idade, a quem é preciso apresentar respeito, às pessoas que moram longe e têm um certo gasto com o deslocamento e, por fim, àqueles que são de fora. Sobre essas definições, outras situações são vistas no quilombo, como a relação de Joana com a Tia Adriana. Ela passara, sem avisar, para lhe fazer uma visita após a ida aos médicos da cidade. Joana estava lavando roupa, mas logo "largou o que estava fazendo" e foi sentar-se com a sua tia na mesa da cozinha. O clima não era o de brincadeira como se costumava ver entre os *de casa* em Joana. Estava mais sério, Joana preocupava em agradar à tia que há muito não ia lhe ver. A visita entre os mais velhos é marcada mais pela atenção oferecida ao chegante do que sobre a comida eventualmente ofertada. Isso foi reiterado a mim, várias vezes, por Tia Adriana quando lhe perguntei sobre o que se valorizava em uma visita: "tem muitas formas de agradar, às vezes, você pode não trazer nadinha, mas aí a gente conversa, ri, dá atenção ao assunto" (risos). Esse comportamento de Joana e Tia Adriana diante das visitas dos mais velhos é diferente da recepção que eu presenciava no caso dos parentes próximos, mas que moram longe, como o caso de Patrícia, irmã de Joana que mora em Goiânia.

Patrícia é *de casa*, diz Ieda, tem intimidade, mas como ela vem de muito longe e em períodos específicos do ano, ela também é visita. Joana, em sua presença, não sai tanto para a rua, como tampouco fazia bestagem na casa dos outros parentes. Não participa dos assuntos da comunidade e muito menos de reuniões: ficam ali, no seu "domínio". É comum ver Patrícia cozinhar, movimento próprio dos *de casa*, mas Joana dedica uma atenção espacial e temporal à sua irmã ao não sair à toa. Grande parte das refeições é feita com alimentos pouco vistos no cotidiano, como tortas, macarrão, churrasco, bolo de padaria, pipoca de leite em pó que eu mesma preparava quando estava junto. Reina um clima festivo e fora do habitual. Há uma desconstrução do rotineiro: mesmo que ela permaneça considerando que Patrícia também é *de casa*, ocorre também alguma excepcionalidade, por

Patrícia *ser visita*.

Se de um lado temos exemplos de visitas bem quistas, não combinadas, mas não menos esperadas, é certo que também existem aquelas não desejadas. Segundo Joana, "sempre tem aquelas visitas que você não tem proximidade, que não gosta muito, são visitas abusivas. É aquela visita que atrapalha, não dá pra fazer mais nada quando ela chega e o encontro ainda não é bom". Esse exemplo acontecia com o pastor da igreja, que vinha de fora da comunidade e era visto como visita abusiva. O que vale ressaltar desses exemplos é que, muito embora a visita seja um movimento próprio daqueles que vêm de longe (mesmo parentes) e que não estão tão presentes na rotina de uma casa, na Malhadinha, ela também acontece entre os *de dentro* e entre aqueles que se encontram com frequência e é esperada, como entre Calu e Florisvaldo, entre aqueles que vêm de longe e é esperada como Patrícia e Joana, mas também os que moram longe, não tão esperados, mas que não deixam de ser queridos, e precisam de respeito, como Tia Adriana e Joana.

Mas as visitas também acontecem com algumas pessoas de fora, como o pastor, e com pessoas *de dentro* e *de casa*, mas com quem se tem pouca proximidade. Em algumas situações, é possível evitar, em outras não. A visita parece conjugar tantos motivos e interesses no encontro entre anfitrião e hóspede: ela pode começar com um objetivo da pessoa de ir mesmo fazer visita, movimento feito por Florisvaldo e Calu, mas também pode acontecer sem aviso prévio, como no caso entre Joana e Tia Adriana, relatado acima. Outras vezes, uma chegada pode se tornar uma visita, como quando Calu vai apenas tomar café em Florisvaldo, mas, no decorrer do encontro, quando um assunto puxa o outro, vão se dar conta que aquilo se tornou uma visita.

Entretanto, entre todas essas formas de aproximar e receber que parecem emanar nuances em cada encontro, há também um lugar comum que distingue a visita de todas as demais mobilidades, que é o fato de ela singularizar o encontro. Por isso, Ieda diz, no caso de Calu: "ele não estava sem o que fazer, ele tirou um tempo para ir visitar o meu pai". Geralmente, quem é *de casa* tem o seu movimento "errante"; a visita não, algo leva ao movimento. Nesse sentido, ratifico o que Carneiro (2010: 75) disse sobre a visita ser diferente das outras formas de "encostar":

Note-se que nem todo "chegante" é um "visitante". O primeiro termo designa qualquer um que "chega"; uma casa vive cheia deles, gente da vizinhança, chegando para logo sair. Ou gente de fora, mas com destino certo noutra parte, A demora vai ser pouca..., avisam logo. Encostam à cerca ou passam pela cozinha para assuntar qualquer coisa ou apenas pedir a bênção dos de casa, sejam avô e avô, tio e tia, sogro e sogra, ou conhecidos", "gente de casa".

Tal como na Malhadinha, nos Buracos, há a existência de movimentos próprios do cotidiano e aqueles excepcionais que são denominados de visitas. Mas, diferentemente dos Buracos, em que a visita se dá predominantemente entre pessoas que não moram na comunidade, mesmo sendo chegadas, amigas e parentes, na Malhadinha, a visita pode acontecer nessas duas situações: entre quem é *de dentro*, nascido e criado, também com

quem é *de fora*. Muito embora existam essas diferenças entre Buracos e Malhadinha, em ambas as comunidades, a visita trata-se de algo que ocorre fora do que é habitual.

Quem também busca definir tal conceito é Borges, em sua etnografia na África do Sul pós-*apartheid*. Sobre as visitas, diz seu texto: “referem-se a múltiplas maneiras de acolher e ser recebido, e subentendem conjecturas, hipóteses, cálculos, planos e balanços retrospectivos que se intercalam, constantemente, pressupondo uma locomoção nem sempre fácil ou mesmo desejável para muitas pessoas” (Borges, 2015: 209). Considerando a definição de Borges (2015), espera-se do dono da casa que ele cumpra alguns papéis sociais, como quando alguém vai lhe fazer uma visita, considerando que o deslocamento do chegante, muitas vezes, pode ser até mais cansativo do que o cansaço causado em quem recebe, a exemplo do que se passa entre tia Adriana e Joana.

Em sentido geral, a visita parece exprimir o encontro entre o local (aquele que está na casa ou em algum lugar próprio) e o estrangeiro (aquele que se desloca e não está em seu ambiente), mesmo que esse estrangeiro só o seja, justamente, porque constituiu, em certos momentos, uma visita. Há uma preocupação com a hospitalidade para aquele que chega em todas as etnografias que abordam tal temática. Essa universalidade da recepção foi interpretada por Pitt-Rivers (2012 [1977]) por meio da lei da hospitalidade. Essa lei aponta para a existência de relações paradoxais na hospitalidade no mundo mediterrâneo. Isto é, o encontro entre locais e estrangeiros é sempre ambivalente, existindo, de um lado, uma possível relação hostil e, de outro, uma relação acolhedora – e, assim, uma linha tênue separando a hospitalidade da hostilidade.

O trabalho de Herzfeld (2012) aponta nesse sentido, ao propor a hospitalidade como uma tentativa de “domesticação” do evento, de controle das situações que, dado seu caráter dúbio<sup>10</sup>, não garantem nada ou até mesmo apontam para a iminência de um conflito – direto e indireto – que pode surgir a qualquer momento. O que impede o conflito entre figuras potencialmente assimétricas é esse equilíbrio ordenado por um acordo, um costume. Esse acordo “torna o desconhecido cognoscível e substitui o conflito pela honra recíproca. Isso não elimina o conflito por completo, mas o coloca em suspenso e proíbe sua expressão” (Pitt-Rivers, 2012:513). Em outras palavras, esse acordo é dado pela proibição de ofender, ou pode-se dizer: simultaneamente, a evitação do respeito e a evitação do desrespeito. Entretanto, ao ler essa lei, pode-se depreender a visita ou a hospitalidade acontecendo apenas em contextos de conflitos, com inimigos declarados, ou até de desconhecidos, cuja educação e o acordo parecem sustentar, provisoriamente, essa relação.

Então, como entender a Lei da Hospitalidade quando não se trata de gente distante, tanto geográfica como genealógicamente, mas sim dos amigos ou daqueles que se tornaram amigos, e mesmo dos parentes? Mesmo em relações próximas, são esperadas certas atitudes formalizadas daquele que recebe e daquele que visita, sendo que situações

---

<sup>10</sup> Outros autores que trabalham com a hospitalidade em sociedades médio-orientais Mason (2011) e Shyrock (2004) destacam que há uma relação de poder entre hóspede (guest) e anfitrião (host), na qual o primeiro é recebido nos termos do anfitrião e sua permanência na casa deste depende de sua boa vontade, enquanto a reputação do anfitrião depende da imagem que suas visitas divulgam sobre ele.

contrárias podem até mesmo estremecer a relação, quando, então, de poder ouvir frases como: "meu amigo não pode me receber direito"; "não ofereceram água à minha chegada", "vieram conhecer a comunidade e não me deram nada". Em qualquer situação de hospitalidade desencadeada pela visita, são designados papéis sociais os quais tanto o anfitrião quanto o hóspede precisam desempenhar. Um, de oferecer tudo o que tem, e outro, de recusar, mas ao fim, aceitar aquilo que lhe é oferecido, como visto na relação entre Florisvaldo e Calu. Há um espaço liminar, por assim dizer, entre agradar e desagradar. Ieda sempre me dizia: "quando tu for visitar a casa de alguém, aceita tudo, se não pegar, o povo fica ofendido"; mas também: "não se pode pedir demaize, para não ser folgado".

Ao fim, entendemos, tal como Carneiro, que a visita é o encontro "onde quem recebe se sente dando menos do que deveria e onde quem é recebido sente-se recebendo mais do que mereceria ganhar". Essa observação orienta-se pelos frequentes excessos de escusas por parte do anfitrião e de elogios por parte do visitante (Carneiro, 2010:83). Em conclusão, mais do que singularizar a visita como sendo um evento que coloca em contato um *de dentro* e um *de fora*, próximo ou distante, vale mostrar as suas diferentes faces e motivos de acontecer e do porquê acontece. Entre os *de dentro*, nota-se afeto, mas também perigo e vigilância. Vigilância no sentido de verificar o interesse e motivo do chegante de ir até ali, também de saber se está agradando o suficiente para não ser malvisto na comunidade, mas também se nota afeto, para mostrar o quanto se gosta daquele que chega.

### **Considerações finais**

Este artigo, muito embora tenha centrado as suas discussões na definição, composição e decomposição das categorias nativas *ser de casa* e *ser visita*, entre os *de dentro*, também teve como objetivo apresentar a dinâmica da receptividade a partir do afeto e do controle na vida cotidiana do quilombo, por meio da mobilidade e da recepção dos seus moradores. Isto é, ao mostrar os modos de ser, chegar e receber quem é *de casa*, mas também de quem é visita, eu apresento os motivos e as nuances com as quais as pessoas não só se direcionam às casas umas das outras, mas também o modo como estas são recebidas. E é justamente nas nuances do receber bem que é possível notar o afeto, a evitação e/ou o controle.

Vale ressaltar que essas nuances da receptividade não aparecem de maneira tão destoante ao observador mais desatento, que pode até mesmo compreender a receptividade malhadense apenas pelo viés do afeto. E isso acontece, como dito na introdução, por se tratar de uma comunidade que reitera a máxima do receber bem tanto como algo histórico – vindo dos antepassados – mas também como algo que se tornou um instrumento político. Logo, não significa dizer que não vigiam e controlam os riscos e perigos potenciais de uma relação, mas que não faz sentido evidenciar de maneira desmoderada o controle e a vigilância, pois do contrário, segundo eles, poucos se interessariam pela Malhadinha. Essa assertiva é reiterada na região pelo fato de que grande parte dos visitantes, ao passarem e/ou irem ao quilombo, assimilam a recepção dos *de casa* e até mesmo das visitas como sendo faces da mesma moeda. Entretanto, na cena cotidiana, é possível notar que o suposto lugar-comum tem inúmeras variações. E é sobre essas

variações que reside a particularidade da Malhadinha e a sagacidade de seus moradores.

Assim, o artigo buscou mostrar essas variações na relação entre quem é *de casa* e quem é visita. Por exemplo, entre Ieda, Régis e Joana, primos próximos, íntimos e amigos, nota-se uma recepção puramente afetuosa, com um trânsito livre. Ao que se distingue, por exemplo, da relação afetuosa entre Ieda e Analu. Ieda, ao ir à casa da prima, tem pouca intimidade para entrar na cozinha e mexer nas panelas, mas tem uma proximidade de conversar sobre vários assuntos. Segundo Ieda, ela é prima tal como Joana, mas na casa de Analu, existe proximidade e na de Joana intimidade e amizade. Diferentemente desses dois primeiros modos de receber e movimentar, tem-se ainda os *de casa*, como Nino e Natan. Eles se movimentam "fazendo bestagem", sem rumo e propósito deliberados, são próximos e têm intimidade na casa de Joana; mas é, contudo, uma intimidade distinta da que ela tem com Ieda e Régis.

A bestagem de Nino e Natan se distancia ainda da bestagem, do movimento visto na figura de Érico. Este é bem recebido, mas não tão querido, próximo e amigo, precisando, em maior ou menor grau, ser vigiado e/ou ter seus passos controlados. O controle diante de Érico é diferente também daquele que Ieda faz na sua conduta na casa de Analu. Na casa de Analu, ela controla os seus passos para não invadir uma liberdade não concedida. Ao passo que o controle ligado à figura de Érico tem a ver com o perigo imanente que ele apresenta, logo, a sua mobilidade, mesmo sendo *de casa* e parecendo com a de Nino e Natan, não o é, sendo mais vigiada e controlada.

Essa mobilidade vigiada e controlada esteve presente nas situações etnográficas do *Quilitro* em Ieda, do não empréstimo das chaves da casa de Joana, na evitação de sua visita na casa de Analu, e, por fim, do seu suposto envolvimento com o roubo e a venda de gado entre os parentes. Mas, a despeito disso, como bem salientou Joana, ele é bem tratado em todo lugar, mesmo tendo potenciais riscos, pois, muito embora não seja amigo, também "não é um inimigo". O caso de Érico não é só ilustrativo para a máxima malhadense do receber bem, mas sobretudo para mostrar como a vigilância contida na receptividade não é feita de maneira deliberada e escancarada, mas sim, nas miudezas, na mudança de feição e de assunto diante da sua presença.

Vale ressaltar que a vigilância e o controle sobre Érico ainda são distintos dos realizados com os "bêbados enfiados no bar". Estes, transitam "fazendo bestagem" e procurando comida para "voltarem à pinga". O perigo que eles apresentam está não só naquilo que eles podem ouvir nas casas em que chegam, mas igualmente na circulação desse conteúdo para outras pessoas que, porventura, venham a encontrar no bar. O controle diante dessas figuras está no anfitrião medir as suas palavras, mas também em oferecer o que se tem de melhor em casa para que não circulem e criem no quilombo a fama – a depender da casa que forem – de uma recepção ruim e pouco acolhedora, como visto, essa é a pior qualificação para um malhadense – ser ruim. O que não significa dizer que não existe afeto nessas relações, mas que este coexiste junto o controle e a vigilância no ato de receber bem.

Além da movimentação contendo o par afeto e controle entre os *de casa*, este

artigo se ateve também a mostrar a modulação<sup>11</sup> das visitas. Estas, acontecendo como uma oportuna demonstração de afeto, realizada entre os *de casa*, a exemplo de Florisvaldo e Calu. Uma relação para ser uma visita consiste na dedicação ao encontro, dedicação esta vista na atenção ao assunto daquele que chega, mas também no oferecimento de alguma comida. As visitas, em sua maioria, acontecem com pessoas quistas e próximas, mas não impede que pessoas de fora, com pouco contato e intimidade, como o pastor da igreja, queira realizar uma visita, mesmo que seja uma visita abusiva, que acontece pela necessidade de se manter uma relação e não desagradar o que chega, mesmo que implique em desgosto ao que recebe. Assim, as categorias *ser de casa* e *ser visita* ilustram a centralidade que a receptividade tem para o cotidiano quilombola, mostrando que as matizes que envolve a mobilidade e a recepção são estratégias cruciais de manter a socialidade no quilombo, mas também para aqueles que chegam até a comunidade, mas este será assunto para outro texto.

## Referências

- Borges, Antonádia Borges. 2015. Hospitalidade e antropologia na África do Sul contemporânea. *Outros Tempos*, São Luís, v. 12, n. 19, p. 207-226.
- Carneiro, Ana. 2010. *O “povo” parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Comerford, John Cunha. 1999. *Fazendo a Luta: Sociabilidade, Falas e Rituais na Construção de Organizações Camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política (Coleção Antropologia da Política, 5).
- Comerford, John Cunha. 2003. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Comerford, John Cunha. 2014. *Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações*. *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 107-142.
- Dainese, Grazielle. 2011. *Chegar ao cerrado mineiro: hospitalidade, política e paixões*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Dainese, Grazielle. 2016. Movimento e Animação das festas, visitas, andanças e chegadas. *Mana* [online], Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 641-669.
- Dainese, Grazielle. 2017. *Política e família: oposições, conexões e capturas*. In: ENCONTRO DOS 20 ANOS DO NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA DA POLÍTICA (NUAP), 20., 2017, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Museu Nacional: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Herzfeld, Michael. 2012. Afterword: reciprocating the hospitality of these pages. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, [s. l.], v. 18, p. 210-217.

---

<sup>11</sup> A palavra modulação faz analogia com a ideia de radiofrequência, pensando as várias formas de fazer visita como sendo cíclicas, oscilantes a depender daquele chega e da relação que com ele foi estabelecida.

- Mason, Victoria. 2011. The Im/mobilities of Iraqi Refugees in Jordan: Pan-Arabism, "Hospitality" and Figure of the Refugee", *Mobilities*, v.6, n.3, p.335-373.
- Pitt-Rivers, Julian. 2012 [1977]. The law of hospitality. In: *The fate of Shechem, or the politics of sex: essays in the anthropology of the Mediterranean*. Cambridge: Cambridge University Press. (Republicado em *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, v. 2, n. 1, p. 501-517, 2012).
- Shyrock, Andrew. 2004. The New Jordain Hospitality: House, Host, and Guest in the Culture of Public. *Display*. *Comparative Studies in Society and History*. Cambridge, v. 46, n.1, p. 35-62.

### sobre a autora

#### **Daniella Santos Alves**

Docente no Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (DED/ UFLA). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, 2023). Atua nas áreas de história indígena, etnografia de comunidades rurais e quilombolas e educação das relações étnico raciais.

**Autoria:** A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Não houve financiamento.

Recebido em 17/05/2024

Aprovado para publicação em: 02/02/2025